

Iraque

Direitos fundamentais e situação humanitária no Iraque

Luís Silva

O cenário cada vez mais provável de uma guerra contra o Iraque e as consequências internacionais que poderão daí advir têm ofuscado um debate urgente: qual o destino reservado aos cerca de 24 milhões de cidadãos iraquianos.

O regime de Bagdad parece não ter alterado a sua política de desrespeito pelos direitos humanos. Segundo dados da Amnistia Internacional, que constam do relatório anual de 2002, a situação interna iraquiana é muito grave. Uso insistente da pena de morte, julgamentos injustos, detenções prolongadas e injustificadas, tortura e execuções extrajudiciais, são algumas das práticas denunciadas.

Aliás, esta situação tem sido invocada pelos Estados Unidos e pelos seus aliados na frente contra o regime de Saddam Hussein, como um dos argumentos justificativos de uma intervenção. No documento *A Decade of Deception and Defiance*, divulgada pela administração norte-americana em Setembro de 2002 aponta-se, precisamente, para a violação sistemática dos direitos fundamentais do seu povo por parte do regime de Bagdad. Também o Reino Unido foi responsável pela publicação de um relatório sobre as violações de direitos humanos no Iraque.

Mas esta preocupação de Washington e Londres com os direitos fundamentais dos iraquianos não deixa também de suscitar reacções. Irene Khan, secretária-geral da Amnistia Internacional, acusa, num comunicado emitido em Setembro passado, o oportunismo revelado em relação a esta questão, sublinhando a indiferença a que foram votados relatórios anteriores da Amnistia, pelos mesmos Estados que agora apontam as ilegalidades e atrocidades do regime de Saddam Hussein.

Não chega, porém, o martírio sofrido pela população iraquiana às mãos do seu governo, também condicionantes externas poderão vir piorar uma situação já de si complicada. Alvo de um embargo imposto pelas Nações Unidas desde 1990, e sujeito a um programa de troca de petróleo por alimentos, o Iraque não tem conseguido recuperar economicamente. Como aponta Ramiro Lopes da Silva, enviado especial da ONU para chefiar o Programa Alimentar no Afeganistão e coordenador humanitário no Iraque, o

problema central no que diz respeito ao programa Petróleo-por-Alimentos é que não tem possibilitado a retoma de uma actividade económica normal.

Neste momento estima-se que aproximadamente 16 milhões de iraquianos dependam totalmente deste programa, pelo que um cenário de guerra, que poria certamente em causa a distribuição da ajuda, teria consequências catastróficas. Mas outros problemas se colocam. Na eventualidade de um conflito armado, a ONU prevê 2 milhões de refugiados e deslocados. A guerra provocará certamente um abalo na estrutura social, colocando a população civil em risco de vir a sofrer mais abusos por parte das autoridades iraquianas ou de outros grupos da oposição. A ONU estima ainda que vão ser necessários, pelo menos, 120 milhões de dólares para acudir a todas estas necessidades. Se se tiver em conta que o pedido de 37 milhões de dólares que a ONU solicitou, em Outubro, aos Estados membros, para elaboração de planos de contingência e armazenamento de bens essenciais, ainda não foi satisfeito, conclui-se pela dificuldade, se não mesmo pela impossibilidade, em reunir aquele montante.

Outra questão sensível diz respeito aos territórios semi-autónomos do Curdistão iraquiano. De acordo com o relatório do Human Rights Watch de 2003, a situação nas três províncias controladas pela União Patriótica (UPK) e pelo Partido Democrático do Curdistão (PDK) tem vindo a estabilizar. Têm sido promulgadas leis de protecção dos direitos políticos e civis fundamentais da população curda. São apontadas as acções perpetradas pelo movimento islâmico Ansar al-Islam contra os direitos humanos e actos de sabotagem atribuídos a agentes iraquianos como o único senão a destacar de um quadro globalmente positivo. Ora, também aqui a eventualidade de um conflito armado acarreta sérias preocupações. Os curdos olham com algum receio a possibilidade de a Turquia enviar 80 mil homens para a região, o que poderá complicar as relações já de si tensas entre a população curda e o Estado turco. Existe o temor fundado de que uma guerra no Iraque possa agravar um conflito que já fez inúmeras vítimas.